

Carlos Drummond de Andrade no Caderno B do Jornal do Brasil¹

Itala Maduell VIEIRA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O artigo, de caráter exploratório, lança luz à produção de Carlos Drummond de Andrade no *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, veículo para o qual escreveu de 1969 a 1984 e objeto de pesquisa em desenvolvimento, em nível de mestrado. Busca-se observar o papel da crônica em geral e do poeta em particular na consolidação de um modelo de jornalismo cultural vigente na imprensa brasileira. A seleção pinça nestes 15 anos de produção contínua textos representativos em que estão presentes o Rio de Janeiro, o Brasil, o mundo, suas transformações, o tempo, temas universais do autor em prosa e verso. Destaca-se particularmente sua adesão à identidade jornalística, aspecto pouco explorado em trabalhos sobre o autor e diretamente relacionado à pesquisa em curso.

Palavras-chave: história do jornalismo; crônica; jornalismo cultural; Carlos Drummond de Andrade; *Jornal do Brasil*.

Croniqueiro, jornalista

“A partir de amanhã – e sempre às terças, quintas e sábados – Carlos Drummond de Andrade estará no *Caderno B*. O maior poeta brasileiro, que é também um de nossos maiores contistas e cronistas, abordará com seu sentimento poético, com sua enorme carga humana, fatos e gentes desta cidade, do país e do mundo”, anunciava a capa do *Caderno B* de 1º de outubro de 1969 (“Drummond aqui entre nós”).

A despeito de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) ser considerado o maior poeta brasileiro, sua atividade como cronista não pode ser entendida como secundária, não somente por seu volume, mas na medida em que ele próprio se definia como um “croniqueiro”. Sua profícua produção, estimada em 6 mil títulos, é dividida entre três períodos: nos jornais mineiros, de 1930 a 1934; no *Correio da Manhã*, de 1954 a 1968; e no *Jornal do Brasil*, de 1969 a 1984. Durante os 15 anos de *Jornal do Brasil*, publicou três colunas semanais, um conjunto de mais de 2.300 textos em 780 semanas, que

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, professora de jornalismo na PUC-Rio. E-mail: italamad@gmail.com.

abordaram fatos históricos e expressaram comentários críticos e humorísticos sobre questões literárias, econômicas, políticas e sociais do cotidiano brasileiro³.

Este artigo busca observar a contribuição do poeta na consolidação do *Caderno B* como modelo de jornalismo cultural vigente na imprensa brasileira. A seleção foi feita a partir das edições digitalizadas disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional⁴. Destacam-se, nestes 15 anos de produção contínua, textos representativos em que estão presentes sua adesão à identidade jornalística, assim como temas universais do autor em prosa e verso: o Rio de Janeiro, o Brasil, o mundo, suas transformações, o tempo.

Ínfima parte das crônicas escritas originalmente para jornais foi publicada em livros, rearranjada e recontextualizada pelo próprio autor. Estima-se que apenas cerca de 600 delas, ou 10%, o próprio Drummond reuniu, em dez livros – *Fala, amendoeira* (1957), *A bolsa e a vida* (1962), *Cadeira de balanço* (1966), *Versiprosa* (1967), *Caminhos de João Brandão* (1970), *O poder ultrajovem* (1972), *De notícias e não notícias faz-se a crônica: histórias, diálogos, divagações* (1974), *Os dias lindos* (1977), *Boca de luar* (1984) e *Moça deitada na grama* (1987).

Participou ainda de várias antologias de crônicas, como *Vozes da cidade* (1965), em colaboração com Cecília Meireles, Genolino Amado, Henrique Pongetti, Maluh de Ouro Preto, Manuel Bandeira, Raquel de Queirós; *Elenco de cronistas modernos* (1971), com Clarice Lispector, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Raquel de Queirós e Rubem Braga; e a coleção *Para gostar de ler* (1977), ao lado de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga.

Desobedecendo ao próprio mandamento “Não faça versos sobre acontecimentos” (*Procura da poesia*), Drummond sempre bebeu nos jornais para escrever, como evidenciam *Poema do jornal*, *A morte do leiteiro*, *Desaparecimento de Luíza Porto*, *Em face dos últimos acontecimentos*, *Morte no avião*, entre outros. Ou, como disse em *Carta a Stalingrado*: “A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais”. Nas crônicas, isto fica ainda mais explícito, e não apenas pela própria natureza circunstancial do gênero, mas simplesmente por ter como matéria bruta o cotidiano.

As crônicas produzidas para jornal a princípio diferem da prosa essencialmente literária, e sobretudo da poesia, pela própria periodicidade de publicação. Sob a pressão

³ No JBlog do *Jornal do Brasil* (jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=30700). Última consulta em 16/05/2014.

⁴ Não houve, nesta etapa, meios de estabelecer as crônicas que foram ou não publicadas em livro.

das rotativas, a luta com as palavras é ainda mais vã, e o lutador não se furta ao exercício constante. Em *Mário de Andrade desce aos infernos (A rosa do povo)*, expressa sua ligação com o tempo, categoria fundamental em sua obra: “poderei tanto esperar o preço da poesia?/É preciso tirar da boca urgente/o canto rápido, ziguezagueante, rouco,/feito da impureza do minuto/e de voz em febre, que golpeiam/esta viola desatinada/no chão, no chão”. A obra, porém, não se limita ao momento em que é produzida. Como lembra Lima (2006), alguns de seus romances se desdobram de crônicas, como em *Uma aprendizagem (ou O livro dos prazeres)*, *Os perfumes da terra* e *As três experiências*.

No Brasil, a crônica sempre foi cúmplice da poesia. Machado de Assis a praticava em forma de verso, publicando na *Gazeta de Notícias*, entre 1886 e 1888, as 48 composições da série *Gazeta de Holanda* (ASSIS, 2011). Quase um século depois, Drummond também reuniria, em *Versiprosa*, 70 crônicas escritas em verso, vaivém presente no espaço dos jornais.

Ao mesmo tempo, reiteradas vezes Drummond escapava sob a alcunha de jornalista quando lhe conferiam honrarias de “autor maior”:

Na realidade, a minha produção jornalística é muito maior e incomparavelmente superior à do poeta. Me deram esse título de poeta quando, na verdade, eu sou é jornalista. Eu fui jornalista desde rapazinho, desde estudante, e é aí que eu me sinto muito bem, muito à vontade. Fui chefe de redação de um jornal em Minas e fui redator de três outros jornais. Então, minha vocação é mesmo para o jornal. (DRUMMOND, 1980)

“Sou um jornalista porque a vida toda estive ligado a jornal. Fui redator-chefe do *Diário de Minas*, onde, com muitos outros companheiros, fizemos a campanha modernista em Belo Horizonte e nos divertimos muito” (DRUMMOND in TRAVANCAS 2008, p. 128).

Drummond dizia ter fixação pela “doce música mecânica” dos linotipos, sobre a qual escreve tantas vezes. Colaborador do *Caderno B* do *JB* por 15 anos, por mais de uma vez celebrou o jornal, como no longo poema *A casa do jornal, antiga e nova*, escrito em 1973, quando este se mudou do antigo prédio da Avenida Rio Branco para o da Avenida Brasil. Registra o advento e os inventos da diagramação – “Reestruturam-se os cacos/do cosmo/em diagramação geométrica”, “No branco da página explode/ Todo jornal é explosão”, rotinas profissionais (“Na superfície impressa/ ficam as pegadas/ da marcha contínua: /letra recortada/ pela fina lâmina/do copydesk”); a fotografia, em provável referência ao emblemático flagrante de Jânio Quadros (“foto falante/ de

incrível fotógrafo /onde colocado: na nuvem? na alma do Presidente?)⁵; o espaço aberto à arte da charge e do humor (“libertário humor/ da caricatura/de Raul e Luis/ a – 50 anos depois – Lan e Ziraldo”), um pot-pourri (“casa entre terremotos/óperas, campeonatos, revoluções/ plantão de farmácias/dividendos, hidrelétricas/pequeninos classificados de carências urgentes, casa de paredes de acontecer/chão de pesquisa”) (*Jornal do Brasil*, 1ª página, 15/8/1973).

Iniciou sua carreira aos 16 anos como prosador e cronista.⁶ Em Belo Horizonte, colaborou a partir de 1920 no *Jornal de Minas*, no *Diário da Tarde*, no *Estado de Minas*, no *Diário de Minas*, chegando a redator-chefe, e no *Minas Gerais*, órgão oficial do governo do estado, para o qual foi contratado como redator de política. No Rio, passou a escrever no *Correio da Manhã*, então o mais importante *jornal brasileiro*, inicialmente como colaborador, depois como redator, a convite de Paulo Bittencourt, herdeiro do jornal. A partir de 1954, durante 15 anos, publicou três crônicas semanais, até as vésperas do fechamento do periódico, em outubro de 1969. Afonso Arinos e Dom Marcos Barbosa o encaminham então para o *Jornal do Brasil*, veículo que vivia sua época áurea, após grande reformulação gráfica e editorial iniciada em 1957, de forte inspiração concretista. Houve quem visse na primeira crônica de Drummond no *Jornal do Brasil*, sobre o leilão da Panair do Brasil, uma metáfora sobre o próprio *Correio da Manhã*, outra empresa nacional também em declínio:

Drummond nunca disse o motivo da saída, da mesma forma pela qual também, por um estranho código cavalheiresco de conduta, jamais pediu aumento de salário durante todo o tempo de jornal. Mas sabe-se que foi mesmo porque andava ganhando pouco, e a coisa em casa apertara muito. [...] Conta-se que quando o novo diretor-presidente do *Correio da Manhã* leu a crônica de Drummond nas páginas do concorrente, ficou desolado: “Por que ele saiu? Eu pagaria dez vezes mais ao Carlos Drummond”. Era tarde. (CANÇADO, 2002, p. 311)

Sua contratação pelo *JB* pode ser vista como um marco em sua carreira. Cançado observa que, como a assinatura de um artista no mercado de arte, a marca de Drummond, consolidada àquela altura, precisava de um jornal de circulação e ressonância nacional como o *Jornal do Brasil*. As crônicas que enviava ao editor do *Caderno B* eram distribuídas para vários órgãos de imprensa, como o paulistano *Jornal da Tarde* – e republicadas simultaneamente em nove estados. Assim, seu trabalho

⁵ O flagrante de Janio Quadros com os pés embaraçados foi publicado pela primeira vez no *Caderno B*, com a legenda “Decisão nem sempre se toma dos pés à cabeça”. *B*, 23/8/1961.

⁶ O jornalista Fernando Py resgatou os 12 primeiros anos da carreira literária do poeta, recolhendo artigos, poemas, crônicas e contos publicados na imprensa, como *A Onda*.

começou a circular por todo país, e Drummond ampliou consideravelmente o alcance de sua crônica. Os lançamentos de poesia, por sua vez, foram se espaçando: *Lição de coisas* (1962), *As impurezas do branco* (1973), *A paixão medida* (1980), *Corpo* (1984).

Na crônica de despedida, *Ciao*, no *Caderno B*, lembra sua trajetória em jornal desde que, adolescente, ofereceu-se para trabalhar numa redação:

Há 64 anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia a cada manhã a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu os seus serviços ao diretor, que era, sozinho, todo o pessoal da redação. O homem olhou-o, cético, e perguntou:

– Sobre o que pretende escrever?

– Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.

O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para ele, praticamente de graça, topou. Nasceu aí, na velha Belo Horizonte dos anos 20, um cronista que ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas crônicas. (*B*, 29/9/1984)

O cronista seria, por 64 anos, “qualquer homem/ao meio-dia/em qualquer praça” (*Consideração do poema*). Seus textos falam de praticamente todos os temas habituais a um cronista, com especial atenção para retratos e análises do Brasil e do cotidiano da sociedade brasileira”. Massi (2012) afirma que, dentro do jornal, a crônica é o primeiro espelho em que podemos contemplar o rosto do dia.

Os cadernos e as seções, as manchetes e as colunas constroem um mapa do tempo histórico. O cronista sabe nos orientar por ruas repletas de fatos trágicos e acontecimentos miúdos. Com o passar dos anos, eles se convertem num imenso arquivo, banco de dados a partir do qual a nossa memória pessoal se conecta a uma rede de informações coletivas. (MASSI, 2012)

A historiadora Margarida de Souza Neves assinala, sobre a crônica: “não são muitas as fontes em que o historiador encontrará com tanta transparência as sensibilidades, os sentimentos, as paixões de momento e tudo aquilo que permite identificar o rosto humano da história” (NEVES, p. 25). A crônica, “gênero essencialmente brasileiro”, nas palavras de Antonio Candido (1992), é derivante de dois gêneros literários que ganharam espaço na Europa a partir do século XIX – o *essay*, ou ensaio, texto pessoal em que o autor reflete sobre questões da humanidade, como amor, morte, amizade; e o folhetim, gênero romanesco dado à observação do cotidiano, em especial das primeiras grandes cidades (MOURA, 2012) –, a crônica tem forte influência e penetração na cultura brasileira. Na esteira de Machado de Assis, José de Alencar, que ajudaram a forjar o estilo no Brasil, a crônica se consolidou com a

contribuição de muitos escritores durante o século XX – Rubem Braga, Fernando Sabino, Antônio Maria, Cecília Meireles, Sérgio Porto, Nelson Rodrigues, Paulo Mendes Campos, Vinicius de Moraes, Otto Lara Resende, além de Carlos Drummond de Andrade.

Martins lembra que a produção de crônicas não apenas se difundiu entre os escritores como forma de aumentar o orçamento, mas para estreitar os laços com o grande público leitor, formado particularmente por leitores de jornais, que tinham na crônica uma releitura mais amena das notícias sérias e ásperas do dia a dia:

A crônica era o sorriso do escritor com o público, a “janela” que permitia a contemplação para o mundo, que solidarizava o grande e recluso escritor com o leitor mediano e pouco refinado. A tal ponto isto se tornou um gesto particular de nossa cultura que muitos escritores ainda projetam-se hoje, para o grande público, através da atividade de cronista. (MARTINS, 2013)

Os textos de Drummond são os de um observador atento dos costumes de seu tempo, das trapalhadas da política, do cinema (uma de suas paixões), além de temas clássicos da crônica – como a passagem do tempo e a própria busca de grande parte da poesia do autor: memorialismo, a vida acanhada no interior do Brasil no início do século XX, a observação do cotidiano miúdo, algumas epifanias, ironia gentil (MOURA, 2012).

Ao longo de sua história, foram inúmeros os cronistas que passaram pelas páginas do *JB* e do *Caderno B*, alguns dos quais tendo ganhado envergadura com esta colaboração, outros lhes emprestando prestígio. Drummond orgulhava-se de ter atuado no *JB* e considerava-se jornalista com todas as letras, e o “mais velho cronista brasileiro”. Ao encerrar sua longa jornada de cronista, em 1984, ao dar seu *Ciao*⁷ na última crônica publicada em jornal, escreveu, em terceira pessoa:

Em certo período, consagrou mais tempo a tarefas burocráticas do que ao jornalismo, porém jamais deixou de ser homem de jornal, leitor implacável de jornais, interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-las ao público. Uma página bem diagramada causava-lhe prazer estético; a charge, a foto, a reportagem, a legenda bem feitas, o estilo particular de cada diário ou revista eram para ele (e são) motivos de alegria profissional. A duas grandes casas do jornalismo brasileiro ele se orgulha de ter pertencido – o extinto *Correio da Manhã*, de valente memória, e o *Jornal do Brasil*, por seu conceito humanístico da função da Imprensa no mundo. Quinze anos de atividade no primeiro e mais 15, atuais, no segundo, alimentarão as melhores lembranças do *velho jornalista*. (*Caderno B* do *JB* de 29/9/1984)

⁷ Disponível em algumapoesia.com.br/drummond/drummond38.htm. Última consulta: 5/7/2015.

Drummond, o Rio e a memória

Renato Cordeiro Gomes (1994) destaca que Drummond engendra legibilidade à cidade exaltando o Rio renovado a cada dia, como a natureza com a qual está indissolúvelmente ligado, como se vê no poema-celebração *Rio em flor de janeiro*:

A gente passa, a gente olha, a gente para e se extasia. Que aconteceu com esta cidade/ da noite para o dia? O Rio de Janeiro virou flor/nas praças, nos jardins dos edifícios, no Parque do Flamengo nem se fala: É flor é flor é flor, uma soberba flor por sobre todas, e a ela rendo meu tributo apaixonado. (*B*, 22/1/1980)

Mas era o humor era a tônica mais frequente nas crônicas, como ao longo de toda a obra de Drummond. No verão de 1980, propõe 22 artigos de bons modos como lei do carioca e pensa em submeter o anteprojeto à Câmara Municipal⁸ (VIEIRA, 2014).

A cidade é o símbolo capaz de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas, prega Calvino (1990, p. 85). Além de continente das experiências humanas, com as quais está em permanente tensão, “a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história” (ROLNIK, em GOMES, 1994), e seu livro de registro preenche-se daquilo que produz: documentos, plantas baixas, fotos, caricaturas, literatura, crônicas, que fixam sua memória:

O texto é o relato sensível das formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. (GOMES, 1994, p. 24)

O espaço urbano aqui entendido não é um conceito restrito à delimitação física. A cidade também é construída através das suas representações: os monumentos de pedra, as crônicas, os registros iconográficos e outros suportes físicos da memória. É percebida como materialização das experiências humanas, pois, de muitas maneiras, suas expressões resultam na “monumentalização” das memórias constantemente reconstruídas. Assim, a cidade reflete as utopias de uma época, desejos de dado grupo social de reproduzir a imagem que o identifica perante outros grupos (ARGAN, 1993).

As mãos de Drummond que escrevem no *Caderno B*, na virada dos anos 1960/70, já são as de “menino antigo”. Desta época são os poemas memorialistas reunidos na série de três livros *Boitempo*. Pouco antes de trocar o *Correio* pelo *JB*, em meados de 1969, Drummond tinha começado a escrever *Boitempo II, menino antigo*.

⁸ Crônica *A lei do verão vem aí*, publicada na capa do *Caderno B* em 11 de novembro de 1980.

“Ele parecia deliciado com a conjunção de tempos, de épocas, de passado e de futuro, o encontro da memória e das imagens na televisão” (CANÇADO, p. 310). Talvez por isso o tema do leilão da Panair na crônica de estreia no *Caderno B, Leilão do ar*:

Nos últimos tempos, vem acontecendo leilões de navios e leilões de ilhas, não sei se de montanhas. O leiloeiro, diante de um público restrito, mas de alto poder econômico (não há por aí gente em condições de arrematar uma ilha ou um navio inteiro), faz exatamente como se se tratasse de um aparelho de chá ou de um lote de miudezas. Só que é estranho ver uma ilha leiloada, com suas águas, plantas, bichos, minerais, caminhos, casas e outras benfeitorias. Quem dá mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas... De repente, ao entardecer, a ilha aparece no salão escuro, cercada de dívida; emerge da papelada do espólio, ocupa a rua, caminhamos por ela através dos lances do leilão, de gritos martelados (*B*, 2/10/1969).

A questão da preservação e a dicotomia do construir/destruir – que, como acentua Gomes, foi apontada por Marshal Bergmann como marca do moderno concretizada no irrefreável crescimento urbano – são prementes na obra de Drummond no *Caderno B*. Tema emblemático, a preservação cunhada em poemas como *A um hotel em demolição* aparece ainda em crônicas como *A Avenida e os cegos*, em que transfere a um parente seu espanto com a velocidade das transformações na cidade, em crônica que bem poderia ter sido publicada em 2015, a não ser pelo fato de que a livraria Da Vinci, então um ponto de resistência, acaba de sucumbir⁹:

O último tio-avô deste cronista, remanescente da Belle Époque carioca, mergulhado nos confins do interior mineiro, veio ao Rio depois de 40 anos, e correu à Avenida Rio Branco. Espanto e tristeza: não há mais Avenida Rio Branco. – Como não há? Continua no mesmo lugar em que a colocou o Prefeito Passos. – Engano seu. Aquilo é uma rua nova, mais larga porque arrancaram as árvores, e mais estreita porque os ônibus e automóveis a ocuparam totalmente. O que era Avenida Central, depois Rio Branco, do tempo do Passos, acabou. Onde está o edifício do *Jornal do Commercio*? O Jockey Club? A Equitativa? O Clube de Engenharia original? E o Hotel Avenida e sua prezadíssima Galeria Cruzeiro? Sombras, sombras do passado... [...]

– Perdão. Restou uma livraria, a Leonardo da Vinci, último reduto da inteligência na paisagem sem alma.

– Eu fui lá. A dona Vanna é um encanto. Mas teve de refugiar-se no subsolo, porque livro, na Rio Branco, não pode ser visto da rua. Que é que fizeram da obra de Passos?, eu lhe pergunto. Será que o Rio está condenado a não conservar nenhum traço cultural do passado? É uma cidade que se transforma todo dia, com uma pessoa que todo dia mudasse de cara e acabasse não tendo nenhuma. Falta respeito, falta amor a formas que caracterizaram uma fase de expansão, e que mereciam ser preservadas, pelo menos em unidades de amostragem, em marcos urbanísticos, referências vivas do homem através do tempo. Como está, a vida começa hoje, não há antecedentes, não há raízes, não há nada. (*B*, 9/1/1982)

⁹ A Leonardo DaVinci anunciou seu fechamento em maio de 2015, após 63 anos de atividade. A morte dos sebos está ainda em *Nobre Rua São José*, e a mudança da Livraria José Olympio foi descrita em *A casa (Fala, amendoeira)*.

Na seção de cartas, o leitor Raul Rebelo de Melo saúda o cronista pelas reminiscências do Rio que não viu, nas colunas publicadas de 19 a 24/12/1981:

Ele nos reaviva a memória com efemérides de outras eras e espanja a poeira dos tempos, reluzindo as cores esmaecidas pela pátina. Episódios remotos que dormiam em seus sarcófagos, talvez para sempre, se não fossem ressuscitados pela verve mágica do poeta. [...] Eu também não vi, mas li nos jornais da Belle Époque todas aquelas coisas interessantes que hoje nos dão a impressão de se terem passado em uma fantástica reunião de quermesse ou de pantomina de circo mambembe. (“Drummond e o Rio”, *B*, 12/1/1982, p. 2)

O escritor, ao deixar a chefia de Gabinete do Ministério da Educação de Capanema, em 1945, trabalhou na diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a convite de Rodrigo Melo Franco de Andrade. É possível especular que sua passagem pelo instituto, em 1945, tenha acentuado sua atenção para questões relacionadas à memória social, à história dos objetos e a documentos que conferem existência àquilo que costumamos chamar de cultura. Em seu espaço rotineiro no jornal, põe em prática o que lamenta não haver mais – o esquecer para lembrar (*Microtempo*):

... essas folhinhas de bolso, distribuídas pelos bancos e pelas lojas, em que os algarismos dos dias são tão pequeninhos que o ano inteiro cabe num minuto, e as grandes datas da pátria e da nossa vida se tornam invisíveis e indiferentes; ah, que saudade das boas folhinhas de parede, a marcarem a hora certa de cada emoção, numa página exclusiva para cada dia, e o prazer de desfolhá-la! (*B*, 1/1/1970)

Como compara Walter Benjamin na resenha *O retorno do flanador*, sobre Franz Hessel, a jornada do escritor pode ser comparada a um vagar propositalmente sem objetivo para o passado, que transforma a cidade num “recurso mnemônico”, ao contrário do turista, que busca os monumentos e as aparições exóticas de locais estrangeiros. Invariavelmente, a musa da memória conduz o flanador por um itinerário que leva “a um passado que é tão mais fascinante por evocar mais do que a infância ou a juventude [...] meramente individual e privada do autor, mais até do que a história da própria cidade. Como o detetive/sacerdote do *genius loci*, o flanador lê ‘mais’ na fenomenologia do diminuto e inconspícuo, no ‘aroma de uma dada soleira ou na sensação tátil de um dado ladrilho’” (HANSEN, 2012, p. 218).

Drummond político

Ao longo de toda a sua trajetória como cronista, Drummond atuou como mediador consciente ao utilizar o espaço do jornal como observador crítico da realidade social. Esteve entre as páginas do primeiro caderno durante praticamente toda a sua

trajetória. Apenas em 1968, último ano no *Correio da Manhã*, passou a publicar no seu 2º Caderno – um dos inúmeros a adotar o modelo de caderno cultural diário iniciado com o Caderno B do *Jornal do Brasil*, em 1960. “Crônica tem a vantagem de não obrigar ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas”, diria. O senso-comum identifica-o a questões do campo da cultura, de que seriam exemplos as crônicas *O ‘Quixote’ de Portinari* (B, 17/3/1973) e *Museu: Fantasia?* (B, 11/7/1972), lançando campanha pela criação de museu para a literatura¹⁰. Porém, atento às questões nacionais, é Drummond o cronista que traz para o segundo caderno as questões políticas da atualidades, e “essa é sua marca diferencial” (LIMA, 2006). Um exemplo é *A problemática dos idosos*:

[...] o general Figueiredo instituiu por decreto o Ano Nacional do Idoso. [...] Ai de mim, que mal sonhava. Li a íntegra do decreto, e lá estava que a intenção de João, Presidente, é [...] mandar estudar a “problemática dos idosos” [...] Terá a comissão de ilustres imaginação suficientemente poderosa para indicar a maneira precisa de suprimir as determinantes sociais e econômicas que impedem a velhice tranquila da maior parte da população brasileira, como impedem também o crescimento saudável dos meninos – velhos e infantes irmanados na mesma situação de carência e insegurança? Bendita comissão, essa, que no espaço de um ano descobrirá a fórmula milagrosa e a submeterá ao governo, de modo que provavelmente já em 1983 o idoso, velhinho, longo, macróbio, ancião, matusalém, vovô, usado, vetusto, senil ou que nome tenha possa exclamar, inebriado de felicidade: “Está pra mim!”. Estaremos todos felizes e, quem sabe, relativamente eternos, com a próstata, as coronárias e a cuca soltando foguetes de gratidão aos beneméritos comissionados, criadores do prodígio brasileiro do século. [...] (B, 30/1/1982)

Foi contundente, ainda, ao tratar do *Adeus a Sete Quedas*, um mês antes da sua extinção para a formação de Itaipu (B, 9/9/1982), ou em *Nova estrela*, sobre a criação do Estado de Rondônia, em que avança com acidez, ironia e forte tom crítico:

Salve, Rondônia! Sede bem-vindos, irmãos rondonianos. [...] Até ontem, éreis tutelados, simples habitantes de território; hoje, formais em igualdade de condições conosco, isto é, sois orgulhosamente donos de vossos narizes, dentro do regime federativo da República, se bem que, na realidade, só podereis assoar os ditos se e quando Seu Mestre deixar. Adquiristes o direito de escolher vosso governador, como igualmente o desfrutamos. Só que a eleição há de ser feita sob tais critérios, ressalvas e restrições mentais que – fácil prever – acabareis elegendo aquele que foi de preferência de Seu Mestre. Será por isso que o novo estado, antes de organizar-se institucionalmente, está sendo anunciado como produto? Liga-se a televisão, e lá vem publicidade de Rondônia. Os jornais dedicam-lhe espaço de matéria paga. Virou moda o governo se anunciar como geladeira ou aparelho de barbear, mas o anúncio agora abrange o PDS, identificado com Rondônia. Já se apregoa que esse partido terá vitória absoluta na primeira eleição que aí se travar.

¹⁰ O pleito, diga-se de passagem, foi atendido e no mesmo ano, em 28 de dezembro de 1972, a Fundação Casa de Rui Barbosa instala em sua sede, na Rua São Clemente, o Arquivo-Museu de Literatura.

[...] não é bem um estado que se criou; é uma agência do partido do governo federal. (*B*, 7/1/1982)

Naquele momento, na virada dos anos 1970 para os 80, o *Caderno B* não se assemelhava em nada ao modelo atual de um segundo caderno. Esta mesma edição trazia na capa uma foto em três colunas do suicídio em massa de golfinhos numa praia do Japão, terra do haraquiri. Abaixo, uma denúncia de saúde (“Emagrecer 14 cm em meia hora? Silhouette promete, não cumpre e é punida em São Paulo”), outra notícia de agência internacional (“Cientistas avisam que guerra nuclear trará cólera, tifo, peste, varíola...”). Ou seja, não havia limites editoriais ou territoriais para o cronista em sua jornada de três colunas semanais. O que, contudo, poderia sugerir liberdade também pode ser motivo de angústia. *Hoje não escrevo* expõe as vísceras da rotina jornalística, em exagerada autocrítica, no que se tornaria quase um subgênero – a crônica sobre a falta de assunto:

Chega um dia de falta de assunto. Ou, mais propriamente, de falta de apetite para os milhares de assuntos. [...] Selecionando os retalhos de vida dos outros, para objeto de sua divagação descompromissada. Sereno. Superior. Divino. Sim, como se fosse deus, rei proprietário do universo, que escolhe para seu jantar de notícias um terremoto, uma revolução, um adultério grego – às vezes nem isso, porque no painel imenso você escolhe só um besouro em campanha para verrumar a madeira. Sim, senhor, que importância a sua: sentado aí, camisa aberta, sandálias, ar condicionado, cafezinho, dando sua opinião sobre a angústia, a revolta, o ridículo, a maluquice dos homens. Esquecido de que é um deles. [...] E então vem o tédio. De Senhor dos Assuntos, passa a espectador enfasiado de espetáculo. Tantos fatos simultâneos e entrecrocantes, o absurdo promovido a regra de jogo, excesso de vibração, dificuldade em abranger a cena com o simples par de olhos e uma fatigada atenção. Tudo se repete na linha do imprevisto, pois ao imprevisto sucede outro, num mecanismo de monotonia... explosiva. Na hora ingrata de escrever, como optar entre as variedades de insólito? E que dizer, que não seja invalidado pelo acontecimento de logo mais, ou de agora mesmo? Que sentir ou ruminar, se não nos concedem tempo para isso entre dois acontecimentos que desabam como meteoritos sobre a mesa? [...] Aí está você, casmurro e indisposto para a tarefa de encher o papel de sinaizinhos pretos. [...] Então hoje não tem crônica. (*B*, 26/9/1970)

Em períodos de maior ou menor liberdade de expressão, Drummond manifestou-se em relação à maioria absoluta dos fatos que marcariam de forma decisiva a história brasileira do século XX (PONCIANI, 2002). O ano de 1978, que começara com a revogação do Ato Institucional nº 5, a nomeação de João Figueiredo¹¹ para a Presidência e um processo de mobilização social que culminaria com a Lei da Anistia e a promessa de

¹¹ No início do governo Figueiredo, um abaixo-assinado pedindo a demarcação de terras e a criação de um parque para os índios ianomâmi, ameaçados de extinção desde a construção, nos anos 1970, da Perimetral Norte, circulou entre intelectuais, escritores, artistas, empresários. Drummond se negava a assinar o documento endereçado a Figueiredo porque “seria legitimar o ditador”. Foi convencido por José Mindlin. (CANÇADO, p. 324)

abertura “lenta, gradual e segura”, se encerraria com Drummond assinando o contundente texto “Entre pesadelos”, capa do *Caderno B Especial Imagens 1978*:

Se o leitor atravessou 1978 sem sentir a pressão de um cano de revólver no peito; se não lhe vendaram os olhos para conduzi-lo a lugar estranho nem o submeteram a provas especiais de resistência física e psicológica para extrair confissão do que não fez ou não sabe; se ao viajar pelo exterior seu avião não foi sequestrado; se não estourou bomba no hotel onde se hospedava; se não perdeu parente, amigo ou conhecido num dos muitos pontos da Terra onde a vida humana foi despojada de significação e valor, então pode considerar-se feliz e declarar que este foi um ano fofo e cor-de-rosa. [...]

A história de mais um ano pode ser contada através de três mulheres. A mãe libanesa que tenta salvar sua filha do morticínio institucionalizado; a mãe do dissidente soviético Anatoly Shakaranski, ao saber da condenação do filho a 13 anos de confinamento por crime nenhum; a brasileira Clarice Herzog em luta contra a mentira oficial, para recuperar, senão a vida, a imagem moral do jornalista seu marido. Luta cujo desfecho é um raio de sol neste sombrio feixe de meses e angústias. Ressurge a esperança, entre pesadelos. (B de 30/12/1978)

Considerações finais

Carlos Drummond de Andrade entrou no *Jornal do Brasil* em 1969. Àquela altura, o mineiro já era considerado o grande poeta brasileiro do século XX quando o *B*, pioneiro e mais relevante caderno cultural diário do país, ainda era gestado, no início da década. O poeta Mario Faustino, que assinava página especializada do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, escreve pela publicação de *50 poemas escolhidos pelo autor*, em 1957:

A poesia de Carlos Drummond de Andrade é um momento central, um *turning-point* não só de nossa poesia como de toda a nossa literatura: trata-se de uma das principais reações (com Machado de Assis, com Graciliano Ramos) contra alguns dos males mais nocivos de nossa língua e de nossa literatura – a “água-flor-de-laranja”, a facilidade, a autopiedade... Por tudo isso e por outros motivos, não parece restar dúvida de que Carlos Drummond de Andrade é um dos nossos raros “masters”, ao lado de Camões, de Fernando Pessoa, de Jorge de Lima. (*Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Seção Poesia-Experiência, 21/4/1957, p. 5).

Continua Faustino:

A poesia de Carlos Drummond é documento crítico de um país e de uma época. No futuro, quem quiser conhecer o *Geist* brasileiro, pelo menos de entre 1930 e 1945, terá que recorrer muito mais a Drummond do que a certos historiadores, sociólogos, antropólogos e ‘filósofos’ nossos... (*Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Seção Poesia-Experiência, 21/4/1957, p. 5)

Silviano Santiago (2002) estabelece um paralelo entre a trajetória do poeta (1902-1987) e o próprio século XX: “Ler a obra poética do irmão mais novo pode servir para compreender melhor a história do irmão mais velho; ler a história do mais velho pode ajudar a interpretar melhor a obra do mais novo”. Luiz Costa Lima (1995) também chama

a atenção para o enlace entre o jornalístico e o poético: “O domínio do coloquialismo em Drummond está ligado a uma modalidade de percepção da realidade; a poesia se desespiritualiza pelo abandono dos temas sagrados – corroídos desde o início pela ironia – para que se mire o que é trivial”. Desespiritualização que invade a poesia exatamente porque parece ter sido escrita com a pena do Drummond cronista.

Antonio Candido (1992) define a poesia de Drummond como um “punho fechado”, que força o leitor a se dobrar em torno de si mesmo, enquanto sua prosa, ao contrário, em geral “distende o leitor, e por isso é de excelente convívio”. Ao apresentar a coletânea de crônicas *A bolsa e a vida* (1984), o próprio Drummond sintetiza: “A vida é isso e tudo o mais que o livro procura refletir em estado de crônica, isto é, sem atormentar ao leitor – apenas aqui e ali recordando-lhe a condição humana”.

Flora Süssekind (1993) foi quem melhor parece ter resolvido o claro enigma: é justamente na duplicidade que reside a essência do Drummond poeta-cronista, personagem bifonte. Não seria suficiente dizer que oscilava entre poesia e crônica, ou que se tratava de um poeta *também* cronista; em sua obra imbricam-se marcas ligadas tanto ao trabalho de cronista como ao exercício poético. De fato, o jornalismo, para Drummond, era algo “essencial e definidor, uma face legítima, complementar e totalmente necessária de sua escrita e atividade literária, até mesmo de sua identidade como escritor e intelectual” (MARTINS, 2013).

Assim como, no jornal, por vezes o Drummond-poeta invadia o espaço da crônica e dava lugar à não-notícia, ao verso, à ficção” (SÜSSEKIND, 1993, p. 262). Neste sentido, enfatiza Flora, o trabalho permanente de Drummond em jornais foi “peça fundamental na formação desse pacto de não estranhamento, de um modo de ver as coisas, o cotidiano, semelhante ao de qualquer leitor potencial”.

É como se Drummond, em meio ao trabalho sistemático com parte dos recursos dessa poesia, com o circunstancial, o fato e os efeitos de prosa, se visse obrigado a olhar sempre com certa desconfiança os volteios auto-reflexivos da literatura e da crítica contemporâneas, descartando-as em prol de uma maior cumplicidade com o leitor. (SÜSSEKIND, 1993, p. 263)

Não foram raras as vezes em que Drummond expôs seu fascínio por jornais e o fazer jornalístico, profissão de fé que dizia especialmente na fase madura, reiterou a importância do jornalismo em sua vida, em versos como os da já mencionada *A casa do jornal, antiga e nova*, de 1973 (*Jornal do Brasil*, 1ª página, 15/8/1973).

Um anacronismo próprio da tensão entre as múltiplas identidades que se alternam como hegemônicas no *Caderno B* ao longo de sua existência e nos cadernos culturais em geral: a insuspeita origem nos antigos suplementos femininos, suas modas, receitas, perfumarias, mantidos através dos tempos por interesses mercadológicos, e fortemente presentes, por exemplo, na cobertura atual das semanas de moda, por exemplo; a vertente intelectual que valoriza as artes e a vanguarda; que derivou em uma terceira, que aposta não no tema cultural em si, mas na forma, na maneira de fazer, em reportagens bem escritas e ilustradas, sobre assuntos de qualquer área – cidade, país, mundo, economia, esportes – de que pudesse “extrair não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor, fazendo-o sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista” (*Ciao*, B, 29/9/1984).

Em entrevista a Zuenir Ventura, comentou a respeito deste inconformismo ou aparente incompatibilidade que escapa ao estereótipo do colunista de segundo caderno:

Tenho uma coluna onde, quando quero emitir uma opinião, omito. Ou uma conversa lírica ou um devaneio. Sou cronista de segundo caderno mas, em meio às amenidades, me permito reclamar contra o excesso de generais que comandam o Brasil com o título de presidente da República, assim como me permito satirizar o Congresso quando, em vez de trabalhar e de reivindicar suas próprias prerrogativas, se torna um instrumento dócil ao governo. (ANDRADE, 1980)

Poncioni (2002) afirma que, quando dizia ser mais jornalista que poeta, Drummond na verdade reivindicava chamava a atenção para um componente inseparável de sua obra poética: “escritos desconhecidos ou esquecidos, negligenciados, buscando valorizar a relação de uma vida inteira, sua única fidelidade, seu trabalho, no sentido dos de Hércules, na imprensa brasileira”. Como ressalta a autora, as crônicas de jornal são a memória em movimento do maior poeta brasileiro do século XX, em que surge um Drummond desconhecido: cotidiano, engajado, observando a realidade com olhar acerado e pluma irônica. É o que Drummond promove em suas crônicas no *Caderno B* do *JB*, como ele próprio descreveu em *Ciao*: “uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito”.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio: Nova Aguilar, 2002.
- _____. **O sentimento do mundo**, Rio: Record, 1993.
- _____. “Eu fui um homem qualquer”, entrevista a Zuenir Ventura. **Veja**. São Paulo, 19/11/80.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da cidade como história da arte**. Lisboa: Ed. Estampa, 1993.
- ASSIS, Machado de. **Crônicas: A+B** (org. Mauro Rosso). Rio/S.Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2011.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- CANÇADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu**: biografia de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2006.
- CANDIDO, Antonio (et al). **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo/Rio: Unicamp/Casa de Rui Barbosa, 1992.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Rio: Rocco, 1994. 2ª edição.
- HANSEN, Miriam. Benjamin, cinema e experiência. In: BENJAMIN, Walter; SCHÖTTKER, Detlev; BUCK-MORSS, Susan; HANSEN, Miriam. **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Rio: Contraponto, [1935] 2012.
- LIMA, Patricia Ferreira de Souza. **Caderno B do Jornal do Brasil**: trajetória do segundo caderno na imprensa brasileira (1960-85). Tese (doutorado). História Social, UFRJ, 2006.
- LIMA, Luiz Costa. **Lira e antilira**: Mário, Drummond, Cabral. Rio: Topbooks, 1995.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARTINS, Ricardo André Ferreira. A obra cronística de Carlos Drummond de Andrade: impressões e visões sobre a sociedade, a cultura e o cotidiano brasileiro. **Revista Estação Literária** (Universidade Estadual de Londrina), v. 11, p. 119-135, 2013.
- MASSI, Augusto. A prosa de Carlos Drummond de Andrade. In: Moura, Murilo Marcondes de. **Cadernos de leituras – Carlos Drummond de Andrade**. Rio: Companhia das Letras, 2012.
- MOURA, M.M. **Cadernos de leituras – Carlos Drummond de Andrade**. Rio: Cia. das Letras, 2012.
- PONCIONI, Cláudia. **C.D.A.: cronista do Correio da Manhã**. O eixo e a roda: v. 8, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>.
- SANTIAGO, Silviano. **Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade**. Prefácio a ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio: Nova Aguilar, 2002.
- SÜSSEKIND, Flora. Um poeta invade a crônica. In: **Papéis colados**. Rio: Ed. UFRJ, 1993.
- TRAVANCAS, Isabel. Drummond na imprensa: algumas crônicas das décadas de 1940 e 50. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. SP: Intercom, v.31, n. 2, jul./dez. 2008.
- WISNIK, José Miguel. Drummond e o mundo. In: NOVAES, Adauto (org.). **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, pp. 7-18.
- VIEIRA, Itala Maduell. Ironia nas representações do Rio de Janeiro nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade no **Caderno B. Jornal Rede Alcar**, v. 1, p. 1-10, 2014.